Terror no Congresso: a renovação vai ser grande.

Nas eleições de 15 de novembro próximo, 80% dos atuais senadores e deputados não se reelegerão segundo as previsões. É justamente a perspectiva de um revés que vem levando desassossego ao Congresso, quase pânico, e que deverá também influir decisivamente nos discursos, nos votos e na postura dos atuais integrantes da Câmara e do Senado durante o ano legislativo.

Nas últimas eleições, o índice de renovação da Câmara foi de no máximo 55%. Este ano será mais elevado, de acordo com preocupante relato de senadores e deputados que estão regressando de visita às bases eleitorais, nas proximidades do encerramento do recesso parlamentar. O mesmo ocorrerá no Senado, segundo avaliação de observadores políticos. Dos 23 senadores biônicos designados em 1978 pelo general Ernesto Geisel, somente um ou dois têm

alguma possibilidade de conquistar o mandato, agora, pelo voto.

Mudança tão profunda, segundo o raciocínio dos parlamentares, se deve à associação que o eleitor faz do Congresso com o regime militar e à intensa desmoralização da Câmara e do Senado pelos meios de comunicação, enfocando apenas o problema dos **jetons** e dos "pianistas" — deputados que votaram por seus colegas na rejeição à introdução do segundo turno na eleição para prefeitos. Além do mais, as eleições se travarão em regime de plenitude democrática, inclusive com o funcionamento de dois partidos comunistas. Não haverá restrições para ninguém, com o que poderão surgir novas lideranças. Sem falar que a 15 de novembro será eleita a Assembléia Nacional Constituinte, a que caberá refazer o pacto sócio-político do País, através da elabora-

ção de nova Constituição, uma tarefa histórica de que querem participar todos os grupos sociais.

Opiniões

Daí a renovação que, na ótica do líder do PDT, deputado Nadir Rossetti, "será de 80%. Nosso desgaste junto à sociedade brasileira é um fato. Só não o vê quem não quer. Trabalhamos muito, mas trabalhamos mal, porque não correspondemos às aspirações populares".

"Será de 70%", de acordo com o deputado Ernani Satyro (PDS-PB), constituinte de 1946, ex-presidente da UDN e ex-governador da Paraíba. Ele atribui o rejuvenescimento do futuro Congresso "às desistências de muitos parlamentares que não concorreram ao elevadocusto financeiro da campanha e a tendência do eleitorado à mudança".

"A renovação será de 55 a 60% em Minas", prevê o deputado Ronan Tito (PMDB-MG), falando de "um quadro excepcional, pois o PMDB elegeu o prefeito de Belo Horizonte, com larga maioria sobre o candidato do PFL e seu governador, Hélio Garcia, tem um desempenho político favorável".

"Posso falar da bancada de São Paulo. Elegeremos 20, mas só se reelegem 12. Faremos 20 e isto porque acredito na vitória para o governo de São Paulo", diz o deputado Francisco Amaral (PMDB-SP).

Eleitores do deputado Paulo Maluf à Presidência da República, os deputados pedessistas João Carlos de Carli (PDS-PE), e Siqueira Campos (PDS-GO) não crêem em maior renovação. Admitem que será de 50 até 55%.

"Será de 60% e é um índice gigantesco. A mudança se deverá aos novos partidos, ao

surgimento de novas lideranças e à desmoralização dos políticos", na visão do 1º vice-presidente da Câmara, Humberto Souto (PFL-MG).

"A renovação será muito grande porque teremos uma eleição atípica. Todos querem a ilustração biográfica de serem constituintes. Sem falar nos interesses que estão em jogo", diz o deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE).

Tal expectativa, generalizada na Câmara e no Senado, explica o comportamento dos senadores e deputados que atuam de acordo com o que lhes parece mais conveniente à sobrevivência política. O que inclui, segundo observadores políticos, a postura de perplexidade, hesitação e até as incursões oposicionistas do PMDB contra os governos estaduais e federal, que elegeu e que integra.

Lustosa da Costa